



Os lugares do corpo

Jean-Pierre Han

Penso ser necessário partir do postulado que me propõem segundo o qual o lugar do corpo nas práticas cénicas contemporâneas é actualmente dominante e um fenómeno em expansão. Mas eu gostaria de colocar as coisas em perspectiva quanto ao que se passaria antes. Ou melhor, de as colocar no seu contexto. Esta atenção consagrada ao corpo não é um fenómeno puramente teatral e, bem pelo contrário, o corpo invadiu a nossa vida quotidiana. Sinto vontade de dizer que se trata de um fenómeno civilizacional; basta ver a atenção que é dada ao corpo nos mais pequenos actos da nossa vida de todos os dias. A este nível, seria bom estudar a relação entre a atenção dada ao corpo e o desenvolvimento das nossas sociedades liberais avançadas. Quero com isto dizer que o corpo se tornou um objecto que é possível comercializar (com todos os ingredientes que lhe estão associados). Porque é que o teatro haveria de ser poupado a esta lógica?

Uma outra questão bastante mais séria e que nada tem a ver com a lógica mercantilista: a atenção consagrada ao corpo não é, pelo menos em França, uma coisa nova, unicamente ligada às artes do espectáculo. Gostaria de referir que Alain Corbin, Georges Vigarello, Jean-Jacques Courtine e Antoine de Baecque publicaram recentemente três volumes de uma obra extremamente séria sobre a história do corpo¹. Estes investigadores sublinham o facto de a atenção dada ao corpo não datar dos anos setenta, que constituiu sem dúvida um ponto de viragem importante, mas ser antes muito anterior a isso. Bastará recordar que em França, desde o século XVII, nomeadamente com a Madame de Sevigné, os escritores manifestam as suas

preocupações sobre este assunto. A partir daí, os referidos autores estabelecem uma rápida genealogia dessa história, citam Jean-Jacques Rousseau, Michelet e alguns outros grandes nomes da nossa literatura. Mas detenho-me aqui sobre este assunto para evocar uma outra questão.

Essa outra questão prende-se com o facto de em França, país dominado pelo catolicismo, ter existido sempre uma separação entre o corpo e a alma e, conseqüentemente, nós termos vivido durante muito tempo, e em alguma medida vivermos ainda hoje, sob esse regime, ainda que a data de separação entre a Igreja e o Estado date de 1905!

Uma outra questão que se prende com o nosso teatro (do qual não pretendo afastar-me!): a dramaturgia francesa é bem conhecida por ter estado e estar ainda sob o domínio da literatura: o texto acima de tudo. De acordo, mas quando se enuncia esta formulação é para acrescentar que o texto se impõe contra o corpo! Remeto-vos para o que se passou em 2005 no Festival de Avinhão, a que regressarei mais adiante. Tentemos por enquanto evocar o nosso tema numa ordem cronológica.

Sabem sem dúvida que em França comemoramos este ano, com grande pompa, por se tratar do quadragésimo aniversário do Maio de 68. (É bem verdade que as nossas sociedades mercantilistas celebram tudo o que conseguem recuperar!) Pois bem, Maio de 68 assinala justamente a emergência do corpo sobre os nossos palcos e nas nossas práticas cénicas. No plano teatral, esta data assinala efectivamente uma viragem. Primeiro ponto: era necessário libertarmo-nos do sacrossanto texto ("Sua Majestade a

<

O rei do plágio,
texto, cenografia e
encenação de
Jan Fabre, Troubleyn,
2005 (Dirk Roofthoof),
fot. Wonge Bergmann.

¹ O autor refere-se certamente a *Histoire du corps*, vol.1: *De la Renaissance aux Lumières* (2005), vol. 2: *De la Révolution à la Grande Guerre* (2005), vol. 3: *Les mutations du regard, le XXe siècle* (2006), Paris, Seuil. (N.T.)

Jean-Pierre Han
é Presidente da
Associação Francesa de
Críticos de Teatro e
director da revista
*Fricions: Théâtres /
Écritures*.

>
Capa do programa do
Festival de Avinhão, 2008.

Palavra", dizia um dos nossos grandes homens de teatro, Gaston Baty). Fizemo-lo. As jovens companhias teatrais fizeram-no. Daí também o número incalculável de espetáculos sem autor (as pessoas voltaram-se para a criação colectiva; utilizaram-se textos não teatrais, etc.). O Living Theater, que veio a França em 1966, fez os seus estragos (recordem-se as representações em Nanterre em 67-68 com Cohn-Bendit, mas também em Besançon, etc.). E pintaram-se cartazes com frases de Artaud afirmando que "toda a escrita é uma porcaria", propondo um teatro do incêndio, primeiro, da crueldade, depois, nos quais o corpo liberto de todos os entraves da sociedade – com a ajuda de substâncias interditas ao consumo – reencontrava um lugar preponderante. Após 68, assistiu-se a uma multiplicação de companhias que trabalhavam nessa lógica – e eu conheço poucos actores que não se arroguem o facto de terem trabalhado ou simplesmente colaborado com o Living Theater! Na mesma ordem de ideias, os outros ídolos "teatrais" da época são Dario Fo, o *clown* e herdeiro da *Commedia dell'Arte*; a grande aventura teatral em França é a de Ariane Mnouchkine, também ela adepta dos *clowns* (veja-se o seu espectáculo *Les clowns*) e também a *Commedia dell'Arte* sob o impulso de Mario Gonzalez.

Sai assim de cena o texto (veja-se Roger Planchon com o seu espectáculo de título emblemático: *A contestação e desmembramento da mais ilustre das tragédias, Le Cid de Pierre Corneille, seguida do assassinio do autor e de uma distribuição graciosa de diversas conservas culturais*), em benefício do corpo, nomeadamente com Maurice Béjart (que monta espectáculos misturando a dança e o teatro como *A rainha verde*, com a actriz Maria Casares e o bailarino Jean Babilée, sem nenhum sucesso), que conhecerá um verdadeiro fervor nos anos seguintes e influenciará muitos futuros praticantes. Em Avinhão, Jean Vilar convida o Living Theater e Maurice Béjart, provocando a agitação que se conhece. Ao mesmo tempo, desenvolve-se uma "literatura" teatral, ou simplesmente textual, na qual é reivindicado o lugar do corpo. O escritor Pierre Guyotat, nomeadamente numa conferência sobre Artaud, intitula a sua intervenção *A linguagem do corpo*. Cerca de vinte anos mais tarde, ele próprio intervirá em cena com improvisações surpreendentes...

Retorno a Avinhão, para abordar um outro episódio a meus olhos emblemático da situação do corpo na prática teatral francesa: 2005, isto é, 37 anos após Maio de 1968, e uma querela completamente inventada entre os defensores de um teatro de texto (assim chamado) e os defensores de um teatro "experimental" no qual o corpo assume um lugar central. Confrontos, uma falsa querela para iludir o facto de alguns espectáculos não serem muito bons – mas é verdade que aqueles que foram postos em causa combinavam intimamente a dança e o teatro, propondo um teatro muito físico. Não vos espantarás se



eu referir Jan Fabre, Jan Lauwers, *performers* como Miriam Abramowitz, etc. No ano seguinte, o artista "associado" será Josef Nadj. O que é que se passou para termos chegado a esta situação? Em 37 anos, nos palcos como na cidade, os corpos são celebrados. A arte coreográfica conheceu um desenvolvimento extraordinário, a multidão ocorre aos espectáculos de Pina Bausch e de alguns outros nomes importantes, os teatros parisienses, como o Théâtre de la Ville e o Théâtre de la Bastille, especializam-se na apresentação dos seus espectáculos. Não desenvolverei esta dimensão das coisas, mas reenvio-vos às análises de Hans-Thies Lehmann no seu *Teatro pós-dramático*. Fiquem a saber que nos anos 90, um dos jornalistas do diário *Le Monde* explica aos seus leitores que o mais recente espectáculo de Alain Platel (novamente um flamengo) "revolucionou os cânones do teatro"!

Aquilo que passa a ser verdade, em França, é que se tornou moeda corrente ver os jovens encenadores trabalhar com coreógrafos. Se olharem para as fichas artísticas dos espectáculos em cena dirigidos pelos grandes encenadores que estão à frente das grandes instituições – Alain Françon no Théâtre de la Colline, Georges Lavaudant no Théâtre de l'Odéon – irão aperceber-se que eles trabalham sempre com coreógrafos. Caroline Marcadé, que colabora nas encenações de Françon, ensina no CNSAD. A questão é saber com que resultado. Terá nascido um "outro" teatro? Eu duvido, mas também seria preciso ver como se passam as coisas a nível da formação dos actores.

Retorno ao Festival de Avinhão: vi o espectáculo de abertura deste ano de 2008, *Partage de Midi*, de Claudel, no qual os intérpretes tentam transmitir a palavra do poeta através de um trabalho muito físico. Ora, curiosamente, os seus corpos estavam como que ausentes do palco... Mas isso será, sem dúvida, um outro problema...